

A IMPORTÂNCIA DA APROPRIAÇÃO DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: UM MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA NOVOS E VELHOS PROFESSORES**THE IMPORTANCE OF APPROPRIATING THE PEDAGOGY OF AUTONOMY: A SURVIVAL MANUAL FOR NEW AND OLD TEACHERS** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.002-004>**Gilvan da Silva Monteiro**

Biologia pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA

E-mail: gilmonteiro75@outlook.com**Ivanete Nascimento de Carvalho**

Letras pela Faculdade São Francisco - FAESF

E-mail: carvalhoivonete890@gmail.com**Maria Betânia Souza Félix**

Especialista em Administração Escolar, supervisão e organização - FESCEMP

E-mail: bethania.felix12@gmail.com**RESUMO**

Este artigo tem a pretensão de desvelar a relevância da obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, reforçando elementos didáticos como ferramentas importantes na prática docente a partir de uma visão teórico-reflexiva que oferecem um suporte na formação de professores novos que ainda não dominam as práticas pedagógicas e de professores velhos que as esqueceram ou que, até mesmo, nunca se apropriaram, além de ser um convite à resistência em tempos de desafios éticos, políticos e pedagógicos, munindo o professor de uma visão crítica, onde se reconheça como agente de mudanças, visto que o professor é um ser de natureza política. O artigo destaca como a apropriação dessa pedagogia pode fortalecer a autonomia do professor e do aluno, que está intrinsecamente ligado ao seu processo formativo nas ideias de Morin e Nóvoa, ao mesmo tempo em que revigora o compromisso do educador com a transformação social por meio da educação.

Palavras-chave: Paulo Freire; Formação docente; Autonomia; Visão teórico-reflexiva; Resistência.

ABSTRACT

This article aims to reveal the relevance of Paulo Freire's work *Pedagogy of Autonomy*, reinforcing didactic elements as important tools in teaching practice from a theoretical-reflexive perspective that offers support in the training of new teachers who have not yet mastered pedagogical practices and of old teachers who have forgotten them or who have never even appropriated them. It is also an invitation to resistance in times of ethical, political and pedagogical challenges, providing teachers with a critical vision, where they recognize themselves as agents of change, since teachers are beings of a political nature. The article highlights how the appropriation of this pedagogy can strengthen the autonomy of teachers and students, which is intrinsically linked to their educational process in the ideas of Morin and Nóvoa, while at the same time reinvigorating the educator's commitment to social transformation through education.

Keywords: Paulo Freire; Teacher training; Autonomy; Theoretical-reflexive perspective; Resistance.



1 INTRODUÇÃO

A formação de professores tem sido um tema central nas discussões educacionais, principalmente quando se trata da construção de práticas pedagógicas que realmente impliquem a transformação do aluno e a autonomia do educador. A Pedagogia da Autonomia, proposta por Paulo Freire (1996), é um conceito que carrega consigo a ideia de que a educação deve ser um processo dialógico, em que o educador e o educando são parceiros na construção do conhecimento. No entanto, a implementação dessa proposta na prática pedagógica diária continua a ser um desafio significativo para muitos professores, seja por inexperiência, seja pela resistência ao novo ou pela pressão institucional por resultados rápidos e mensuráveis.

Este artigo se propõe a discutir como a apropriação dos princípios da Pedagogia da Autonomia pode servir como um manual de sobrevivência para educadores de diferentes experiências e contextos, especialmente os que atuam nas escolas públicas brasileiras. A proposta central é entender como a implementação dessa pedagogia não só pode contribuir para a formação integral do aluno, mas também fortalecer a identidade e a autonomia docente, proporcionando aos professores ferramentas para enfrentar as adversidades do ambiente escolar, ao mesmo tempo em que os capacita para um ensino mais crítico, reflexivo e transformador.

Marcado por incertezas, reformas e programas conservadores e até radicais, têm-se, o retrato do contexto educacional que tem colocado a escola como centro da resolução de todos os problemas e o enfraquecimento do seu papel principal: cuidar da aprendizagem. Essas diferentes tarefas escolares que não podem dar conta de tudo tem demandado do professor mais do que domínio de conteúdos e tem levado ao afastamento de muitos por questões de saúde mental - discussão não menos relevante mas que requer um espaço maior para apreciação – e que, diante do cenário caótico, o professor precisa estar munido de ética, postura dialógica e compromisso político, questões tratadas com afinco nessa importante obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996) que deve funcionar como um “manual de sobrevivência” aos jovens e velhos aprendizes do ensino sistematizado pois sua apropriação e incorporação prática pode ser capaz de fortalecer a identidade docente diante de tantas demandas e das adversidades contemporâneas que os novos modelos impõem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Pedagogia da Autonomia, conforme Paulo Freire (1996), desafia os professores a adotar uma postura crítica e dialogada, fundamentada na compreensão de que o ensino não deve ser apenas um ato técnico de transmissão de saberes, mas um processo em que o professor e o aluno compartilham o conhecimento e a experiência. Freire afirma que a educação deve ser um ato político, no sentido de que deve colaborar para a transformação social e para a emancipação do indivíduo. A proposta é que os



educadores se vejam como mediadores do processo de aprendizagem e não como transmissores de saberes prontos.

A autonomia do professor, portanto, deve estar relacionada ao seu compromisso ético e político com a educação. Ao invés de se verem como simples executores de currículos, os educadores precisam se perceber como agentes de mudança, cujas práticas pedagógicas podem empoderar os alunos, proporcionando-lhes as ferramentas para se tornarem sujeitos ativos e críticos da sociedade.

A ideia de autonomia, tanto para o professor quanto para o aluno, está profundamente ligada à proposta de educação para a liberdade de Freire. No entanto, essa liberdade não é entendida como um fim em si mesmo, mas como um meio de promover a autossuficiência e a crítica constante aos modelos de ensino tradicionais e alienantes.

Como afirma Freire (1996): “A autonomia não pode ser confundida com a liberdade individual, mas deve ser entendida como a capacidade de se reconhecer no outro e, ao mesmo tempo, assumir-se como sujeito da própria educação.”

Além disso, Freire também coloca que o educador deve ser alguém que se coloca permanentemente em processo de aprendizagem e que, portanto, não deve ter a pretensão de dominar o saber. O processo de autoformação do professor é, portanto, crucial para que ele possa também inspirar seus alunos a se tornarem pensadores críticos.

A proposta de Paulo Freire com sua *Pedagogia da Autonomia* tem sido uma das mais influentes no campo da educação crítica e transformadora, e ela se alinha a teorias que buscam descentralizar o saber, tornando-o um processo mais dialógico e emancipatório. No entanto, para um entendimento mais profundo da prática pedagógica no contexto contemporâneo, é imprescindível considerar também as contribuições de Edgar Morin e António Nóvoa, cujas obras complementam e ampliam a reflexão sobre a educação e a formação docente.

2.1 PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire defende que a autonomia não é algo que se impõe de cima para baixo, mas algo que é conquistado por meio de processos reflexivos e críticos em que tanto educadores quanto educandos se tornam sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Freire sustenta que, para que o professor seja um verdadeiro educador autônomo, ele precisa estar em constante diálogo com seus alunos, reconhecendo suas experiências e saberes prévios, e também se engajando em um processo de aprendizagem contínuo.

Nesse sentido, a prática pedagógica não pode ser entendida como uma mera transmissão de conteúdos prontos, mas sim como uma construção coletiva que respeita as subjetividades e as especificidades de cada contexto. Freire, portanto, aposta na dialética entre o saber e a experiência, o que



contribui significativamente para uma educação que visa à libertação dos indivíduos por meio da crítica constante.

2.2 EDGAR MORIN: EDUCAÇÃO PARA A COMPLEXIDADE

O filósofo e sociólogo Edgar Morin, em sua obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (2000), aprofunda a reflexão sobre uma educação para a complexidade, que se alinha de maneira significativa com os princípios de Paulo Freire. Morin aponta que, no mundo contemporâneo, os desafios educacionais não podem ser resolvidos com uma visão simplista ou fragmentada do conhecimento. Pelo contrário, é necessário considerar o conhecimento como um todo complexo, que não se limita a uma área específica ou a um saber isolado, mas que deve envolver uma perspectiva integradora.

Morin destaca que a complexidade deve ser entendida não apenas como a multiplicidade dos saberes, mas como uma maneira de perceber as relações entre os diferentes saberes, as conexões entre o local e o global, o individual e o coletivo. Em um contexto de ensino, isso implica a necessidade de uma educação que não compartimentalize os saberes, mas que os articule de maneira a permitir que o aluno compreenda os fenômenos da vida de forma holística. E propõe que o educador, ao formar seus alunos, deve ensinar a pensar de forma crítica e integrada, abordando a realidade de maneira multidimensional e flexível, compreendendo que a verdade é muitas vezes relativa e que o saber deve ser algo aberto e dinâmico. A autonomia de que fala Freire também é uma autonomia para lidar com a complexidade, isto é, a capacidade do educando e do educador de se posicionarem de maneira crítica diante das incertezas e ambiguidades do mundo.

Morin, portanto, contribui com a Pedagogia da Autonomia ao propor que o educador, além de ser mediador da aprendizagem, deve ser também um orientador da reflexão crítica, capaz de guiar os alunos na busca de conexões significativas entre seus saberes e os desafios da vida cotidiana, além de prepará-los para o pensamento crítico e para a tomada de decisões complexas.

2.3 ANTÓNIO NÓVOA: A FORMAÇÃO DOCENTE E A AUTONOMIA PROFISSIONAL

António Nóvoa, um dos mais renomados estudiosos da formação de professores, propõe em suas obras que a autonomia do professor está diretamente relacionada ao seu desenvolvimento profissional contínuo. Nóvoa (2009), em seu trabalho sobre a formação de professores, argumenta que a formação inicial é apenas o ponto de partida de um processo constante de aprendizagem, que deve ser intensificado ao longo de toda a carreira docente. Ele defende que os professores não devem ser vistos como profissionais que "ensinam" de maneira mecânica, mas como mediadores, reflexivos e críticos, que possuem a responsabilidade de desafiar as normas estabelecidas e criar ambientes educacionais que estimulem o pensamento crítico e a autonomia dos alunos.



Segundo Nóvoa (2009), a autonomia profissional do docente depende da capacidade de refletir criticamente sobre sua própria prática, de dialogar com colegas e alunos, de questionar as formas de ensino tradicionais e de inovar dentro do espaço educacional. Ele sugere, ainda, que os professores devem aprender a aprender ao longo de suas trajetórias profissionais, engajando-se em processos contínuos de formação e autoavaliação.

Para Nóvoa, a formação continuada e o desenvolvimento da autonomia docente são fundamentais para que o educador possa fazer face aos desafios de um mundo educacional em constante transformação. Este conceito de autonomia profissional se aproxima da proposta de Paulo Freire, que vê o professor não apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um pensador crítico e um agente de mudança social, que deve estar constantemente engajado em um processo de autoformação e reflexão sobre sua prática.

Freire deixa claro em sua importante obra que se observa que a formação docente é um processo contínuo de reflexão e prática e que tanto os novos professores como os antigos devem cultivar e aprimorar a curiosidade epistemológica que parte da curiosidade natural simples do aluno que não pode ser tolhida pois é essa curiosidade de saber que faz florescer uma nova aprendizagem. Nessa abordagem o autor sugere que alunos e professores se assumam epistemologicamente curiosos.

Frente a essa formação docente Nóvoa (1992) afirma que o professor é autor de sua prática e deve ser protagonista de seu desenvolvimento profissional.

Nóvoa diz mais sobre esse aspecto formativo dos professores:

A educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há excessos de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas. Há momentos em que todos nós dizemos o mesmo, como se as palavras ganhassem vida própria e se desligassem da realidade das coisas. As organizações internacionais e as redes que hoje nos mantêm permanentemente ligados contribuem para esta vulgata que tende a vendar mais do que a desvendar.

E completa:

O campo da formação de professores está particularmente exposto a este efeito discursivo, que é também um efeito de moda. E a moda é, como todos sabemos, a pior maneira de enfrentar os debates educativos. Os textos, as recomendações, os artigos e as teses sucedem a um ritmo alucinante repetindo os mesmos conceitos, as mesmas ideias, as mesmas propostas.

Nóvoa (1996) pontua que a formação de professores é dominada hoje por referências externas ao trabalho docente, feita por especialistas que não são professores e precisa retomar urgentemente para as mãos dos próprios professores, seguindo a dinâmica onde os mais experientes ensinam os que têm menos prática docente. Tudo isso atrelado a apropriação da Pedagogia da Autonomia de Freire que vai favorecer



essa reinvenção profissional, superando as práticas tecnicistas, repetitivas e autoritárias e promovendo uma pedagogia crítica que valoriza o contexto, a dialogicidade necessária ao processo e a escuta amorosa.

2.4 CONVERGÊNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES

As contribuições de Morin e Nóvoa não apenas complementam, mas também expandem os conceitos centrais da Pedagogia da Autonomia de Freire. Enquanto Freire coloca o foco na transformação social e na libertação do educando, Morin amplia a ideia de autonomia ao incluir a capacidade de lidar com a complexidade e a incerteza do mundo contemporâneo. A educação para a complexidade de Morin pode ser entendida como um reflexo da autonomia freiriana, na medida em que busca oferecer aos alunos as ferramentas necessárias para navegar em um mundo multifacetado, onde o conhecimento é dinâmico e as respostas para os problemas nem sempre são claras ou lineares.

Por sua vez, as ideias de António Nóvoa ressaltam a importância da autonomia docente como um processo contínuo e reflexivo, alinhando-se à proposta freiriana de que o educador deve ser um sujeito ativo e crítico na sua prática pedagógica. Nóvoa traz à tona a ideia de que a formação do educador é essencial para que ele possa, por sua vez, promover a autonomia de seus alunos de maneira significativa e eficaz.

A integração dessas teorias sugere que, para alcançar uma educação realmente emancipatória, é necessário que os educadores desenvolvam sua própria autonomia por meio de uma prática pedagógica reflexiva e comprometida com a formação crítica de seus alunos. Dessa forma, a apropriação da Pedagogia da Autonomia deve envolver tanto a formação contínua dos professores quanto a construção de práticas pedagógicas que sejam flexíveis, integradas e sensíveis às necessidades do aluno e da sociedade.

A teoria de Freire, aliada às perspectivas de Morin e Nóvoa, nos oferece uma base robusta para refletir sobre a educação como um processo dinâmico, reflexivo e emancipador, que deve tanto libertar quanto capacitar os indivíduos para agir de forma autônoma diante dos desafios da vida. Essa construção conjunta fortalece a ideia de que a autonomia, tanto do educador quanto do educando, é um princípio fundamental para uma educação crítica, capaz de transformar a realidade e de promover a justiça social.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para este estudo é de caráter qualitativo, com uma abordagem exploratória e reflexiva, focada na análise da literatura existente sobre a Pedagogia da Autonomia e nas experiências relatadas por educadores que atuam nas escolas públicas. A pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica dessa importante obra de Paulo Freire, além de artigos acadêmicos, dissertações e teses e concepções teóricas de renomados autores como Morin e Nóvoa que discutem a formação do professor e a aplicação dessa pedagogia no contexto atual da educação básica.



Além disso, realizamos entrevistas com professores de diferentes níveis de experiência, buscando entender suas percepções sobre o impacto da Pedagogia da Autonomia em sua prática pedagógica. Essas entrevistas foram semiestruturadas, permitindo que os educadores compartilhassem suas experiências de forma aberta e livre, sem limitações impostas pelas perguntas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados apontaram que a apropriação da Pedagogia da Autonomia pelos professores, tanto os novos quanto os mais experientes, teve impactos positivos nas práticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito à motivação dos alunos, ao fortalecimento da relação professor-aluno e à reflexão crítica sobre o papel do educador na sala de aula. No entanto, também foram observados desafios significativos, como a falta de formação continuada, a pressão por resultados acadêmicos e a resistência de parte dos professores a modelos pedagógicos que envolvem mais flexibilidade e diálogo.

Os professores mais experientes mostraram uma maior dificuldade de adaptação às práticas de autonomia, frequentemente associando-as a uma visão mais romântica ou idealizada da educação, o que muitas vezes colidia com a realidade institucional. Por outro lado, os professores mais novos, que já haviam sido formados em um contexto educacional mais inovador, demonstraram mais facilidade em incorporar a Pedagogia da Autonomia, embora ainda enfrentassem desafios práticos em sua aplicação.

5 EXIGÊNCIAS PARA A BOA PRÁTICA DE ENSINO SEGUNDO A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE FREIRE

Uma prática pedagógica verdadeiramente emancipadora, de acordo com Freire, 1996, deve estar alicerçada em princípios éticos, políticos e pedagógicos que respeitem a autonomia do educando. Nessa perspectiva, o ato de educar não se resume à transmissão de conteúdos prontos, mas se configura como um exercício dialógico que promove a criticidade e reconhece o educando como sujeito histórico, capaz de refletir sobre sua realidade e transformá-la. A valorização das experiências prévias dos alunos torna-se, portanto, um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que parte do pressuposto de que todo conhecimento novo deve dialogar com os saberes já existentes, promovendo uma construção coletiva do conhecimento.

Os aspectos centrais de cada ponto sugerido por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996), encontra base nos três eixos fundamentais que estruturam sua proposta: ética, política e pedagógico, sempre em diálogo com a autonomia do educando e com essa troca de saberes que o aluno já tem e ainda vislumbrando o aprimoramento da curiosidade epistemológica, produtora de conhecimento que parte da curiosidade natural ou do senso comum.



5.1 ASPECTOS ÉTICOS

Freire defende que o educador deve agir com compromisso, respeito e amorosidade. Veja os principais pontos:

Aspecto Éticos	Explicação
Respeito à dignidade do educando	O professor deve reconhecer o aluno como sujeito do processo educativo, com história e voz.
Compromisso com a transformação	A prática educativa deve visar à superação de injustiças sociais, não sendo neutra.
Amorosidade	Ensinar exige uma postura afetiva, de cuidado, acolhimento e empatia.
Coerência entre discurso e prática	O educador deve agir conforme o que ensina, sendo exemplo de integridade. Pense ensine o certo. “O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não faça o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” Freire, 1996.
Humildade	O professor aprende com o aluno, numa relação de troca, sem arrogância do saber.

5.2 ASPECTOS POLÍTICOS

Freire compreende a educação como um ato político por natureza, que deve contribuir para a libertação.

Aspecto Políticos	Explicação
Educação como prática da liberdade	O ensino deve formar sujeitos críticos, capazes de intervir em sua realidade.
Conscientização (conscientização crítica)	O aluno deve desenvolver uma leitura crítica do mundo, não apenas dos textos.
Combate à alienação	A escola não deve formar indivíduos passivos, mas ativos e conscientes.
Neutralidade como falsa postura	Fingir ser neutro é uma forma de manter o status quo; todo ato educativo é político.
Empoderamento dos oprimidos	O objetivo da educação é dar voz e vez aos que historicamente foram silenciados.

5.3 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

Aqui, Freire aponta os caminhos metodológicos para uma prática que respeite a autonomia e estimule a criticidade.



Aspecto Pedagógicos	Explicação
Ensinar exige escuta e diálogo	O professor precisa ouvir e dialogar com os alunos, não apenas falar. Ter uma escuta, mas uma escuta amorosa.
Conhecimento como construção coletiva	Saber não é algo transferido, mas construído em interação entre sujeitos.
Valorização dos saberes do aluno	O conhecimento prévio do aluno deve ser o ponto de partida para o novo saber.
Ensinar exige pesquisa	O educador deve estar sempre em busca, estudando, investigando a realidade. “Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino.” Freire, 1996
Ensinar exige curiosidade	O professor precisa manter-se inquieto, curioso e aberto ao novo. Todo conhecimento novo parte da curiosidade natural que transforma-se na curiosidade epistemológica.
Formação permanente do educador	O professor deve ser um aprendiz contínuo, nunca se considerar “pronto”, os sujeitos estão sempre inacabados.

6 SOBREVIVÊNCIA PEDAGÓGICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Na atualidade, percebe-se um esvaziamento das humanidades e uma tecnicização do ensino visto que as tomadas de decisões partem de gestões distante em todos os aspectos escolares e apropriar-se do pensamento freiriano é um ato de resistência. Gadotti (1996) destaca que Freire oferece um projeto de educação centrado na dignidade humana, na esperança e na transformação social.

Freire (1996) reforça que:

Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Freire (1996) vai além quando diz que a posição do professor não pode ser neutra, visto que o professor é por natureza um ser político, e isto nada tem a ver com partido ou com ideologia específica, mas com o papel que ele exerce na formação de sujeitos conscientes e críticos. Assim, completa reafirmando que ensinar exige a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador



pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso e me admirar.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.

Certamente todo esse manual de instruções e de sobrevivência para os professores que se revela a Pedagogia da Autonomia, oferece suporte afetivo, teórico e prático para lidar com os dilemas da profissão aos que começam sua missão nesse grande desafio que é a aprendizagem e, para os mais experientes, que encontram-se desmotivados e desesperançosos – estado que segundo o criador dessa pedagogia não é o estado natural do ser humano, sendo a esperança inata ao ser humano e que só é privado dessa característica, desse descrédito, ou ainda ainda, dessa falta de perspectiva em virtude dos problemas e dos desafios que esses profissionais enfrentam - promove a possibilidade de reencantamento com o fazer pedagógico, humanizando a prática docente, compreendendo a realidade do ensino de forma mais profunda como um ato de amor e de respeito pelo outro e, acima de tudo, fortalecendo a relação dialógica com os estudantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire oferece uma perspectiva revolucionária sobre o papel do professor e a dinâmica da sala de aula, propondo uma educação que vai além da transmissão de conteúdos, focando na formação integral do aluno e no empoderamento do educador. A apropriação dessa pedagogia, como demonstrado neste estudo, pode ser uma estratégia vital para a transformação educacional, principalmente no contexto das escolas públicas brasileiras, que enfrentam desafios diversos.

Para que os novos e velhos professores consigam se apropriar dessa pedagogia de forma eficaz, é essencial que haja investimentos em formação continuada, além de uma reavaliação constante das práticas pedagógicas, que devem ser adaptadas ao contexto social e político da educação brasileira. Somente assim, será possível construir uma educação que realmente seja capaz de libertar os indivíduos e transformar a sociedade.

Essa transformação necessária e urgente, requer uma nova perspectiva de ensino, centrada numa aprendizagem significativa, que deve ser permeada por várias experiências práticas que favoreçam a aquisição de metodologias que possibilitem o aluno a aprender e a essas experiências conhecidas popularmente como métodos. A pedagogia abordada por todo esse ensaio não se revela apenas como um método, mas uma postura firme e crítica frente à vida, empobrecimento e desvalorização da prática docente. Sua apropriação vem contribuir com o fortalecimento da identidade docente e dar suporte a resistência que



precisamos manter em desfavor dos processos de desumanização da escola feita por “outras mãos” que não são mãos dos educadores e que tem posto em xeque a didática nesses novos tempos e variados moldes escolares. E, mais importante, essa autonomia que espera ser adquirida e incorporada pelos docentes é um resgate a esperança, a criatividade e a ética, um chamado que o mestre Paulo Freire faz com respeito ao educando e ao seu conhecimento prévio, visto que “o conhecimento de mundo precede o conhecimento da leitura” e também é um convite ao professor não apenas ensinar mas transformar a realidade no seu entorno, onde as redes de ensino converseem, se encontrem, se abracem e oportunizem a educação que os alunos necessitam para o seu desenvolvimento integral.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. *A formação dos professores e a cultura profissional*. Porto: Porto Editora, 2009

NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.